

QUESTÕES GERADAS EM TORNO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM

construída em pedra de xisto, tijolo e argamassa, telhado de uma água.

Monte da Tapada: Monte Moderno Portel

Situado a meia encosta de elevação, ruína de monte agrícola construído em taipa, composto por casario de habitação e anexos de gado e celeiros, alguns tanques de rega e fontes distribuídos por vários locais. Foi casa da antiga Herdade da Tapada, hoje dividida em pequenas parcelas.

Atalaia Magra: Moura

A Atalaia de Cabeça Magra é a única sobrevivente das quatro torres de vigia que formavam a linha defensiva da zona raiana da Contenda, composta pelas regiões alentejanas de Moura, Aroche e Encinasola. O aproveitamento de lugares estratégicos, elevados e com boa visibilidade, terá implicado a localização da Atalaia Magra sobre um antigo castro da Idade do Ferro, levantado numa colina isolada sobre uma linha de água, local que já sofrera ocupação romana, e que permite comunicação visual com o castelo e as restantes atalaias. A torre estaria rodeada por um recinto muralhado, do qual restam alguns vestígios. É de planta circular, alta e estreita, com cerca de quatro metros de diâmetro por doze de altura, proporção que parece justificar a denominação de Atalaia Magra. A mais de um metro do chão rasga-se um portal gótico em arco ogival, ao qual se acederia por escada de madeira removível, de forma a tornar o acesso mais restrito. Os muros, em aparelho de alvenaria miúda, ruíram em boa parte do lado oeste da torre.

Monte do Judeu: Habitat Idade do Bronze-Idade do Ferro

Segundo esta indicação, o sítio seria afectado pelas águas do regolfo do Alqueva, mas após a implantação da quadrícula de escavação na zona indicada, verificou-se que as cotas iniciais não coincidiam com a área de dispersão dos materiais arqueológicos e com o respectivo habitat. Desta forma, concluiu-se que este sítio encontra-se, de facto, à cota 155,0 m e não será afectado pelo regolfo da barragem. A escavação arqueológica de duas sondagens, concentradas numa pequena plataforma, assente sobre encostas suaves e sobranceiras à ribeira do Zebro, demonstrou a existência de um habitat ocupado durante a segunda do 1º milénio a.C., bastante afectado pelos trabalhos agrícolas, e do qual foram identificados pequenos segmentos pertencentes a três edifícios.

Castelo da Lousa: Habitat Romano Luz, Mourão

O edifício principal implanta-se num promontório rochoso sobre a margem esquerda do rio Guadiana, delimitado a Este e Oeste por duas ribeiras, que definem vertentes acentuadas em redor do monumento. O local só é acessível por terra, pelo lado Sul, ou pelo lado Norte, através do rio. Esta escavação revelou um edifício de planta aproximadamente quadrangular, com cerca de 23,5 x 20 m, com muros exteriores em xisto de 2 m de espessura, que em alguns dos casos se conservam até 5,70 m de altura, e apresentando uma única porta de acesso virada a Leste. O interior do edifício apresenta diversos compartimentos, de dimensões distintas, providos de frestas de iluminação e ventilação abertas para o exterior, e dispostos em redor de um pátio central. No centro da estrutura existe uma cisterna com 8 m de profundidade. Toda a

construção é regular, em alvenaria de xisto com blocos cuidadosamente aparelhados e sem argamassa.

Cromeleque do Xerês: Cromeleque Neolítico Reguengos de Monsaraz

Implantado em região especialmente rica em monumentos dolménicos, tanto em variedade como em quantidade, a sua planta, de forma quadrangular, constituiu um raro exemplo do polimorfismo da denominada arquitectura aberta dos tempos neolíticos. O monumento é formado por 56 monólitos, talhados em rochas graníticas (quartzodiorito, quartzomonzonito, granodiorito), existentes em afloramentos próximos, 90 % dos quais com alturas inferiores a 1,20 m, formando quatro lados orientados segundo as direcções dos pontos cardeais, ocupa local específico, contendo mais antigas memórias históricas, conferindo-lhe "significado especial" e um acréscimo de importância. A sua eleição decorreu no âmbito de programa particular, onde se evidencia a localização no centro de paisagem bem delimitada, a relação de equidistância com relevos naturais envolventes, mas, também, com a orientação do movimento solar, definindo linhas astronómicas, factores que muito influíram na sua forma. Acreditamos, por outro lado, que esta denuncia as suas funções e modo de utilização.

Menir da Belhoa

Uma estrela-menir de que só se conhece a metade de cima, montada sobre um suporte de traçado infeliz. Apresenta no topo um grande sol e serpentiformes, para além de vários báculos. Encontra-se no acesso ao Outeiro, a partir da povoação do Telheiro, na base de Monsaraz.

Vidigueiras

Descrive-se como altos menires do Monte das Vidigueiras, contudo trata-se de um menir fragmentado, com um báculo no topo, serpentiforme e com símbolos solares.

Olival da Pêga

Uma grande anta, hoje muito destruída. O corredor relativamente largo parece no entanto muito curto para este tipo de monumento. Supõem-se que uma ocupação primitiva de dimensões mínimas se deve ter sucedido uma ocupação maciça da primeira metade do terceiro milénio traduzida por muitas dezenas de placas de xisto gravadas, nomeadamente vasos de carena baixa, pequenos copos e cerâmica mamilada. Quase todas as formas cerâmicas estão aqui representadas para além de um notável, ainda pequeno, conjunto de cerâmica simbólica.

Rocha dos Namorados

Trata-se de um menir constituído por um bloco de granito natural, com cerca de dois metros de altura, que apresenta uma forma semelhante à de um cogumelo ou de um útero.

Esta rocha está associada a um rito pagão de fertilidade, que consiste em as raparigas em idade de contrair matrimónio, vão consultar a rocha para saberem quanto tempo ainda falta para se efectivar o casamento. Para esse efeito atiram para cima do menir uma pedra, se essa pedra não ficar em cima da rocha significa que têm de esperar mais um ano para o casamento.